

## O MEU 25 DE ABRIL DE 1974

---

Natércia Salgueiro Maia

Após o regresso da Guiné, da Companhia de Cavalaria 3420, comandada pelo meu marido, (Salgueiro Maia), em Outubro de 1973, comecei a perceber que alguma coisa estava a ser preparada no sentido da mudança de regime.

Além da Guerra Colonial, os problemas sociais, a Censura, a PIDE, o isolamento do país no contexto internacional, tornavam urgente e inevitável o envolvimento do Exército na busca de soluções para a construção de um Portugal mais justo e livre.

A expectativa era grande, mas tudo se passava em família, com serenidade, confiança e muita esperança.

Os acontecimentos do 16 de Março deixaram-me um pouco mais apreensiva e preocupada.

Recordo-me que recebi um telefonema, onde me informavam que, do Norte, já vinham “tropas” a caminho e não percebiam porque a EPC não saía.

À minha casa chegaram a ir alguns oficiais, com quem nunca me tinha cruzado, mas recordo o cheiro a papel queimado.

No dia 23 de Abril, já tarde, o meu marido recebeu um telefonema e disse-me: “se calhar, é hoje”; e foi encontrar-se com a pessoa que o contactou.

No dia 24 de Abril, ao fim da tarde, disse-me: “É hoje. Vais estar atenta à rádio”. Disse-me as músicas que iriam passar e o seu significado na evolução dos acontecimentos.

Recordo-me de ele ter posto, num saco, alguns lenços (tinha muita sinusite) e cigarrilhas. Tudo num ambiente calmo, (pelo menos exteriormente). Ele raramente fumava.

Normalmente, só o fazia, (fumava), em ocasiões especiais. Para mim, as cigarrilhas serviriam para festejar a Vitória. Claro que as coisas poderiam correr mal, mas a sua postura, como não podia deixar de ser, era de confiança e de serenidade; e foi assim que nos despedimos.

Depois, durante a noite, o telefone tocou várias vezes. Uma amiga que estava comigo contou-me mais tarde que estranhou o meu comportamento. Além de não atender o telefone, andava num corrupio entre a sala e a cozinha, onde tinha o rádio.

Finalmente, “Grândola Vila Morena”. Já não tinha dúvidas. As forças da EPC iam até Lisboa.

Aguardei a sua passagem pela Avenida Sá da Bandeira e, pelos orifícios dos estores, vi-as passar. Não queria levantar suspeitas. Normalmente, havia um PIDE na minha rua. No meu prédio viviam mais dois capitães.

Exausta, acabei por “fechar os olhos” uns vinte minutos; e foi quando ouvi a leitura do comunicado das Forças Armadas, em que pediam aos médicos para acorrerem aos hospitais.

Assustei-me: pensei que estava a correr mal.

Depois do almoço, fui até ao Liceu Nacional Sá da Bandeira, onde dava aulas.

O Sr. Reitor veio à porta informar que tinha recebido ordens para fechar a Escola.

Regressei a casa e fui para junto do televisor, à espera de notícias.

A R.T.P. só passava a música “A life on the ocean waves”, conhecida depois como o hino do M.F.A.; e não dava imagens.

Quando, finalmente, apareceram as primeiras imagens, vi o meu marido no Largo do Carmo, com o megafone e lembro-me de ter dito: “tinha que ser!”

Os momentos que se seguiram foram difíceis e de grande preocupação, mas culminaram com sentimentos de grande alívio e de muita alegria. Foi inesquecível todo o entusiasmo que as pessoas que ocuparam o Largo do Carmo manifestaram.

No dia seguinte, encontrei-me com o meu marido junto a Cavalaria 7.

Foi o momento do grande abraço, de felicidade, de gratidão...

Recordo-me de um camionista que passou por nós e que partilhou o nosso estado de espírito.

Ia nascer um novo Portugal, que todos iríamos ajudar a construir.